

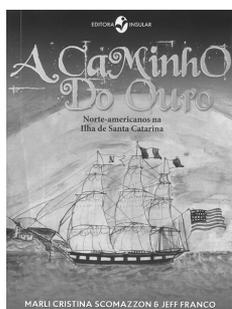
Seguindo as pegadas do caminho do ouro: um começo para as pesquisas sobre a experiência norte-americana na ilha de Santa Catarina

Following in the footsteps of the path of gold: a starting point for research about American experiences in the island of Santa Catarina

Cecilia Luttembarck Oliveira Lima Rattes

Doutora em história, Universidade Federal de Minas Gerais.

ceciliarattes@yahoo.com.br



SCOMAZZON, Marli Cristina; FRANCO, Jeff. *A caminho do ouro: norte-americanos na ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Insular. 2015. 160p.

O livro “A caminho do ouro: norte-americanos na ilha de Santa Catarina”, de Marli Cristina Scomazzon e Jeff Franco, debruça-se sobre a presença de norte-americanos¹ na vila de Nossa Senhora do Desterro, localizada na ilha de Santa Catarina, em meados do século XIX. A descoberta do ouro na Califórnia, em 1848, atraiu uma multidão advinda principalmente da costa leste norte-americana, interessada nas promessas de fortuna; dirigir-se ao oeste, porém não era uma tarefa simples. O interior dos EUA ainda era perigoso, repleto de obstáculos naturais e habitado por população hostil. A travessia pelo México era complicada, e a estrada transcontinental americana só seria inaugurada em 1869. A rota considerada mais segura consistia em contornar a América do Sul, passando pelo cabo Horn. O caminho era conhecido e já havia sido utilizado por baleeiros e viajantes que comercializavam com o Oriente. A cidade de Desterro era uma das opções de parada, e, inevitavelmente, seu porto atraiu um grande fluxo de visitantes.

O livro divide-se em três capítulos. No primeiro, os autores descrevem a mobilização gerada pela notícia de ouro na Califórnia: a quantidade de barcos que se dirigiram ao Brasil, os perigos encontrados no mar e o dia a dia da viagem. Narram ainda o contato ianque com a ilha: suas percepções sobre a natureza local, a cidade e seu povo; como também as dificuldades em lidar com as burocracias portuárias e as diferenças culturais. No segundo capítulo, resgatam a memória dos ilhéus em relação à experiência estrangeira. Utilizando documentos oficiais e periódicos brasileiros da época, os autores tentam explicar a mistura de sentimentos vivida pelos catarinenses, que oscilavam entre a boa hospitalidade, prognósticos de bons negócios e a hostilidade e desconfiança diante de número tão grande de forasteiros. Já no último capítulo, abordam os autores o funcionamento do consulado norte-americano

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702017000200017>

na cidade, mencionando, sobretudo, a atuação de alguns cônsules no período da “febre do ouro”. O livro procura relatar o encontro estadunidense com a região e as formas como a população local teria reagido a essa “invasão estrangeira”.

Apesar de ser um texto agradável e de fácil leitura, e de conter material relevante, a obra, quando analisada como um estudo histórico, apresenta limitações. Houve a tentativa de criar uma descrição do passado a partir da transcrição de documentos, porém predomina uma visão de que os textos falam por si, não existindo problematização ou contextualização adequada do período estudado. A narrativa não abordou, por exemplo, as relações políticas vividas entre o Brasil Imperial e os EUA, embora fosse um momento de insegurança na América Latina, com a recém-anexação de territórios mexicanos, o fortalecimento de uma política expansionista estadunidense e a formulação do Destino Manifesto.

É interessante pensar que as relações diplomáticas entre Brasil e EUA, embora fossem consideradas cordiais, foram igualmente marcadas por tensões ao longo do período imperial e início da Primeira República. Na década de 1850 – mesmo período abordado no livro –, existiu uma campanha norte-americana de ocupação da Amazônia. Exigia-se a abertura do Amazonas e preparavam-se expedições que antecederiam a vinda de empresários, colonos e escravos para a região. Representantes do governo de Washington tentavam angariar apoio a sua causa junto aos países fronteiriços com o Brasil, indispondo-os contra a monarquia, que mantinha o Amazonas fechado à livre navegação internacional. Não faltaram pressões; porém, o Brasil não cedeu às exigências, conquanto tentasse manter a cordialidade com a potência do norte. Jornais brasileiros da época publicavam notícias alarmistas, denunciando a possibilidade de uma ocupação ianque especialmente no norte do país.²

Em vários momentos da leitura, não é difícil indagar se Desterro poderia representar as tensões vividas entre as duas nações, já que a ilha recebia diariamente centenas de norte-americanos. Os autores expuseram inúmeros conflitos entre a população estrangeira e a brasileira que chegaram, muitas vezes, às esferas diplomáticas, mas o livro aborda tais questões pautando-as em justificativas baseadas na bebedeira e na farra dos visitantes. A obra tem trechos promissores, que possibilitariam um diálogo com a historiografia já produzida, como, por exemplo, a construção de um discurso nacionalista norte-americano, no qual o “espírito aventureiro” teria papel central; as concepções de fronteira e imperialismo desenvolvidas na época; ou a visão estrangeira construída sobre o Brasil (permeada por noções de “Paraíso” e “Inferno”).

As imagens apresentadas também não foram exploradas, transformando-se em simples ilustrações. Desconsiderou-se aquilo que possuem de mais expressivo: suas relações com os momentos históricos nos quais vieram à luz. Elas precisariam ser melhor analisadas como fontes históricas, uma vez que se ligaram a um modo particular de percepção, moldada na experiência social. O exame dos documentos visuais, tanto de sua constituição plástica quanto de seu conteúdo, permitiria inferir, por exemplo, sobre os objetivos do artista assim como entender algumas demandas de seu tempo. Em determinadas imagens do livro é possível identificar valores estéticos pertencentes a uma tradição colonialista, em que se abordavam conceitos como “conquista”, “poder” e “masculinidade”.³ Representações como essas haviam sido expostas na imprensa norte-americana como forma de corroborar a ideia de um ímpeto natural de seus cidadãos em desbravar novos territórios, justificando, assim, uma política

expansionista.⁴ Diante disso, é possível questionar se as imagens apresentadas no livro não poderiam se integrar a esse repertório simbólico responsável pela criação de uma identidade nacional estadunidense.

O livro carece de mais reflexões teóricas e diálogos com a literatura acadêmica, já que os documentos dão abertura para isso. Ou seja, há grande potencial nas fontes, mas o texto pesa a descrição de acontecimentos. Apesar desses limites, o livro possui riquezas. Os autores conseguiram reunir um interessante conjunto de documentos, que versam sobre narrativas de viagem, artigos publicados em revistas e jornais, correspondências oficiais e imagens. Além disso, o tema continua pouco explorado pela historiografia, o que garante a sua originalidade. A obra pode ser usada como ferramenta para os historiadores que desejem enveredar-se pelo estudo da expansão estadunidense no Oitocentos ou pela presença norte-americana no Brasil imperial, sendo capaz de descortinar novas possibilidades de análises.

NOTAS

¹ Embora, o termo “norte-americano” seja de uso problemático, uma vez que a América do Norte engloba outros países, como o Canadá e o México, optou-se em seguir a mesma linha dos autores para se referir, exclusivamente, aos cidadãos estadunidenses. Além disso, o termo é, atualmente, aplicado com esse significado.

² Sobre a política externa entre Brasil e EUA, e os planos de ocupação norte-americana na Amazônia, ver: CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012; HILL, Lawrence F. *Diplomatic relation between the United States and Brazil*. Connecticut: Greenwood Press, 1970; LUZ, Nícia Vilela. *A Amazônia para os negros americanos*. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1968; PALM, Paulo Roberto. *A abertura do rio Amazonas à navegação internacional e o parlamento*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009; NAPOLEÃO, Aluizio. *Rio Branco e as relações entre o Brasil e os Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

³ Sobre a construção de uma tradição visual da conquista, ver: GOODYEAR III, Frank H. *Faces of the frontier: photographic portraits from American West, 1845-1924*. Norman: University of Oklahoma Press, 2009; RYAN, James R. *Picturing empire: photography and the visualization of British Empire*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997; SALVATORE, Ricardo D. *Imágenes de un imperio: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 2006; TOBIAS, Ronald B. *Film and the American moral vision of nature: Theodore Roosevelt to Walt Disney*. Michigan: Michigan State University Press, 2011; RATTENBURY, Richard C. *Hunting the American West: the pursuit of big game for life, profit and sport, 1800-1900*. Missoula: Boone and Crockett, 2008; LUTTEMBARCK, Cecilia. *A viagem de Theodore Roosevelt pelo noroeste brasileiro: caça, ciência e representações da floresta tropical*. Tese (Doutorado em Ciência e Cultura na História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

⁴ Sobre a construção da identidade nacional norte-americana e sua relação com a expansão territorial, ver: TURNER, Frederick Jackson. *The frontier in American history*. New York: Dover Publications, 1996; NASH, Roderick. *Wilderness and the American Mind*. New Haven: Yale University Press, 1982; JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande – imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: Edusf, 2000; JUNQUEIRA, Mary Anne. Representações políticas do território latino-americano na revista *Seleções. Revista de História*, v.21, n.42, p.323-342, 2001; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

